DOI: 10.35621/23587490.v12.n1.p1302-1322

O IMPACTO DA PARENTALIDADE NO COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR INFANTIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

THE IMPACT OF PARENTING ON CHILD BEHAVIOR AND WELL-BEING: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW

Andreska Moésia Cariri¹
Hilana Maria Braga Fernandes Abreu²
Leilane Menezes Maciel Travassos³
Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna⁴

RESUMO: Introdução: A infância é um período essencial para o desenvolvimento emocional e social das crianças, sendo o ambiente familiar determinante nesse processo. O estilo parental adotado influencia diretamente o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, com repercussões significativas na adolescência e na qualidade de vida. **Objetivos:** O presente estudo tem como objetivo investigar como os diferentes estilos parentais influenciam o desenvolvimento de habilidades e competências socioemocionais no período infantil, bem como as repercussões desses estilos na adolescência. O estudo analisará ainda o impacto da parentalidade, como autoritário ou negligente, no desenvolvimento infantil e na formação de habilidades socioemocionais, além de considerar como a ausência dessas habilidades pode afetar a qualidade de vida e o bem-estar psicológico. **Metodologia:** Esse estudo consiste em uma Revisão Bibliográfica da Literatura, possuindo assim um caráter qualitativo, ao qual utilizará das bases de dados da SCIELO, Pepsic e BVS. Para garantir uma melhor qualidade e relevância, os artigos passarão por critérios de inclusão e exclusão, sendo analisados achados entre os períodos do ano de 2014 a 2024, excluindo pesquisas que se repitam ou fujam da temática e objetivo proposto. A busca de artigos se dará por meio dos descritores “parentalidade”, “comportamento infantil”, “bem-estar infantil” e “desenvolvimento infantil”. **Resultados:** A presente pesquisa identificou que os estilos parentais influenciaram diretamente o desenvolvimento emocional e comportamental infantil. Práticas baseadas na responsividade, afeto e comunicação favorecem a construção de habilidades socioemocionais, como empatia, autorregulação e autoestima. Em contrapartida, estilos autoritários e negligentes mostraram-se associados a comportamentos desafiadores, ansiedade e dificuldades

¹ Discente do Centro Universitário Santa Maria-UNIFSM. 20242055029@fsmead.com.br.

² Docente do Centro Universitário Santa Maria-UNIFSM. 000408@fsmead.com.br.

³ Docente do Centro Universitário Santa Maria-UNIFSM. 000344@fsmead.com.br.

⁴ Docente do Centro Universitário Santa Maria-UNIFSM. 0000434@fsmead.com.br

de socialização. **Conclusão:** Conclui-se que a parentalidade exerce papel fundamental na formação emocional e social das crianças, podendo atuar como fator de proteção ou de risco ao bem-estar infantil. A compreensão dos efeitos dos estilos parentais contribui para a promoção de práticas educativas mais saudáveis e para a formulação de estratégias de intervenção que fortaleçam os vínculos familiares e o desenvolvimento integral na infância.

Palavras-Chave: Estilos Parentais. Desenvolvimento Infantil. Habilidades Socioemocionais. Impacto da Parentalidade

ABSTRACT: Introduction: *Childhood is a crucial period for the emotional and social development of children, with the family environment playing a key role in this process. The parental style adopted directly influences the development of socioemotional skills, with significant repercussions in adolescence and overall quality of life.* **Objectives:** *This study aims to investigate how different parental styles influence the development of socioemotional skills and competencies during childhood, as well as the repercussions of these styles in adolescence. The study will also analyze the impact of parenting, such as authoritarian or neglectful, on child development and the formation of socioemotional skills, while considering how the absence of these skills can affect quality of life and psychological well-being.* **Methodology:** *This study consists of a Literature Review with a qualitative approach, using SCIELO, Pepsic and BVS as the primary database. To ensure quality and relevance, the articles will be selected through rigorous inclusion and exclusion criteria, focusing on findings from 2014 to 2024, excluding repetitive or off-topic research. The search will use descriptors such as “parenting”, “child behavior”, “child well-being” and “child development”.* **Results:** *This research found that parenting styles directly influenced children's emotional and behavioral development. Practices based on responsiveness, affection, and communication favor the development of socioemotional skills, such as empathy, self-regulation, and self-esteem. In contrast, authoritarian and neglectful styles were associated with challenging behaviors, anxiety, and socialization difficulties.* **Conclusion:** *It is concluded that parenting plays a fundamental role in the emotional and social development of children, and can act as a protective or risk factor for child well-being. Understanding the effects of parenting styles contributes to the promotion of healthier educational practices and the formulation of intervention strategies that strengthen family ties and integral development in childhood.*

Keywords: Parenting Styles. Child Development. Socioemotional Skills. Impact of Parenting

1 INTRODUÇÃO

A parentalidade representa um dos pilares fundamentais no processo de desenvolvimento infantil. Trata-se de um conjunto de práticas, atitudes, comportamentos e valores por meio dos quais os pais ou responsáveis orientam e influenciam o crescimento de seus filhos, interferindo diretamente nas dimensões cognitivas, emocionais e sociais da criança. O modo como as figuras parentais interagem com a criança, impõem limites, oferecem afeto e acolhimento, estabelece as bases para a construção da subjetividade e das competências relacionais que acompanharão o indivíduo ao longo de sua vida (Siqueira & Dell'Aglio, 2010).

O autor Baumrind (1966) indica que os estilos parentais, definidos como um conjunto de atitudes, expectativas e métodos que os pais adotam na criação dos filhos, são cruciais para a formação das características comportamentais e emocionais das crianças. Na atualidade, os estilos parentais são categorizados geralmente como autoritativo, autoritário, permissivo e negligente. Esses estilos, embora possam variar entre famílias e culturas, são considerados importantes para prever resultados de saúde mental infantil, estando cada um deles associado a diferentes consequências para o bem-estar e comportamento da criança (Sampaio & Nomura, 2012).

Crianças criadas em ambientes autoritativos, onde há uma combinação equilibrada de afeto e disciplina, tendem a apresentar melhores resultados emocionais e sociais (Cecconello & Koller, 2004). Em contrapartida, o estilo autoritário é caracterizado por um alto nível de exigência e baixo nível de responsividade. Ademais, há ainda o estilo permissivo e negligente, onde o primeiro é caracterizado por uma elevada responsividade, mas baixa exigência, e o segundo é caracterizado por baixa exigência e também responsividade, preconiza Martinez *et al.* (2007).

O ambiente familiar, além dos estilos parentais, envolve uma série de práticas e experiências que configuram o contexto de desenvolvimento infantil. A presença de suporte emocional, comunicação aberta e a possibilidade de a criança explorar o ambiente com segurança promovem a saúde emocional e ajudam a reduzir a

probabilidade de transtornos comportamentais (Crepaldi *et al.*, 2006). Em contrapartida, práticas de controle excessivo ou negligência parental têm sido associadas ao desenvolvimento de problemas emocionais, como ansiedade e depressão, além de comportamentos antissociais, evidenciando a importância do papel dos pais na prevenção de dificuldades emocionais (Marinho & Feres-Carneiro, 2015).

Uma revisão sistemática realizada por Paludo e Koller (2007) revelou que crianças que vivenciam práticas parentais positivas, como acolhimento e incentivo à autonomia, apresentam melhor adaptação social e emocional. Essas práticas ajudam a criança a construir uma autoestima saudável, promovendo habilidades de enfrentamento diante de situações adversas (Paludo & Koller, 2007). O desenvolvimento de uma visão positiva de si mesma e de sua capacidade de resolução de problemas está diretamente relacionado ao apoio emocional oferecido no contexto familiar, sendo a parentalidade um fator determinante nesse processo.

Além do impacto emocional, a parentalidade também afeta o desenvolvimento social da criança. Pais que promovem interações familiares saudáveis, pautadas no diálogo e no respeito, incentivam o desenvolvimento de habilidades sociais importantes, como a empatia e a cooperação (Fajardo *et al.*, 2020). Em um estudo de Cecconello e Koller (2004), observou-se que crianças expostas a interações familiares baseadas em respeito e confiança tendem a desenvolver uma visão mais positiva sobre as relações interpessoais, o que contribui para sua adaptação em ambientes externos, como a escola e outras atividades sociais (Cecconello & Koller, 2004).

Outro fator importante associado à parentalidade e ao bem-estar infantil é a qualidade do vínculo entre pais e filhos. Esse vínculo, estabelecido desde os primeiros anos de vida, é fundamental para o desenvolvimento emocional e afeta a forma como a criança percebe o mundo à sua volta (Grossmann *et al.*, 2008). Estudos apontam que vínculos seguros com os pais oferecem uma base emocional sólida, promovendo o desenvolvimento de habilidades de autorregulação emocional e capacidade de adaptação (Grandi & Bartholo, 2021). Assim, a presença de um vínculo seguro entre pais e filhos é um fator de proteção contra uma série de dificuldades emocionais.

A relevância do papel parental no desenvolvimento infantil tem motivado pesquisas sobre intervenções que visam fortalecer o vínculo entre pais e filhos,

proporcionando orientações e apoio para que práticas parentais positivas sejam adotadas. Intervenções focadas no aprimoramento das habilidades parentais têm demonstrado resultados promissores na redução de problemas emocionais e comportamentais nas crianças (Murta & Silva, 2013). Tais intervenções, quando aplicadas no contexto escolar e comunitário, têm potencial para promover o bem-estar infantil e prevenir transtornos emocionais de forma preventiva e eficaz.

Diante desse panorama, este artigo busca realizar uma revisão bibliográfica de estudos disponíveis na plataforma SciELO sobre o impacto da parentalidade no comportamento e no bem-estar infantil. A proposta é examinar as evidências empíricas sobre a influência dos estilos e práticas parentais no desenvolvimento emocional e comportamental das crianças, sintetizando os principais achados e discutindo suas implicações para futuras pesquisas e intervenções na área da Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Infantil.

2 METODOLOGIA

Ao que se refere ao tipo de pesquisa, o estudo utilizará a revisão bibliográfica da literatura, que consiste em um levantamento e na análise de obras, artigos e outros materiais já publicados, com o objetivo de fundamentar teoricamente o tema abordado, permitindo identificar contribuições de diversos autores sobre o tema e construir uma análise crítica com embasamento teórico. (Gil, 2008).

A presente pesquisa, quanto a sua natureza, trata-se de uma pesquisa de natureza básica, que possui em seu objetivo principal o aprofundamento e ampliação do conhecimento científico a fim de gerar novos conhecimentos sem aplicação imediata (Severino, 2021).

O caráter da pesquisa foi qualitativo, uma vez que pretende interpretar fenômenos e compreender as relações subjetivas envolvidas na parentalidade e seus impactos no desenvolvimento infantil. Não se busca quantificar os dados, mas sim compreender as nuances e significados das práticas parentais (Minayo, 2001).

A coleta de dados consistiu na busca de artigos científicos publicados na base de dados SciELO, PEPSIC e BVS, entre os anos de 2014 a 2024, que abordem temas de interesse na área da Psicologia e Ciências Sociais em geral. Foram aplicados termos de busca em português, tais como “parentalidade”, “comportamento infantil”, “bem-estar infantil” e “desenvolvimento infantil”.

A respeito dos critérios de inclusão, foram considerados os artigos publicados em português na base SciELO, PEPSIC e BVS, entre os anos 2014 e 2024, estudos que abordem o impacto das práticas parentais no comportamento e bem-estar de crianças de 0 a 12 anos e pesquisas empíricas (quantitativas ou qualitativas) com dados sobre práticas parentais e resultados comportamentais ou emocionais em crianças. Já os critérios de exclusão, levaram em conta artigos que tratem apenas de parentalidade no contexto de adolescentes (acima de 12 anos), estudos que abordem práticas parentais sem relacionar diretamente com o bem-estar e comportamento infantil e trabalhos que se repetirem e que fujam da temática proposta, assim como trabalhos de revisão sistemática.

Após aplicado os critérios inclusivos, a análise dos dados foi realizada por meio de uma síntese qualitativa. Após a leitura dos resumos, os artigos selecionados foram revisados integralmente para identificar informações relevantes sobre a relação entre parentalidade e comportamento infantil. As informações extraídas incluíram o tipo de prática parental analisada, os métodos de mensuração do comportamento e bem-estar infantil e os principais achados de cada estudo. Posterior a isso, todos os artigos selecionados foram listados e organizados em tabelas com as informações acerca da base de dados ao qual foi encontrada, autor, título da obra, objetivos e seus resultados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 PARENTALIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A parentalidade refere-se ao conjunto de comportamentos, atitudes e práticas adotadas pelos pais no processo de cuidado e educação dos filhos, influenciando diretamente o desenvolvimento psicológico e comportamental da criança (Siqueira & Dell'Aglio, 2010). Este conceito abrange desde aspectos de disciplina até práticas de suporte emocional e definição de limites.

Conforme Borsa e Nunes (2011), ela vai além dos cuidados básicos, englobando estratégias educativas e vínculos afetivos que moldam as competências da criança. Cecconello e Koller (2004) destacam que o contexto cultural e socioeconômico influencia as práticas parentais, enquanto Assis-Fernandes e Bolsoni-Silva (2020) enfatizam que interações de qualidade são essenciais para o estabelecimento de vínculos seguros.

Os estilos parentais desempenham um papel crucial no desenvolvimento das crianças, influenciando diretamente seu comportamento, bem-estar emocional e habilidades sociais. Diana Baumrind (1966) foi uma das primeiras a categorizar os estilos parentais em quatro tipos principais: autoritativo, autoritário, permissivo e negligente. Cada estilo é caracterizado por diferentes combinações de exigência (controle) e responsividade (afeto e apoio), impactando de maneiras distintas a criança. O estilo autoritativo, por exemplo, é considerado o mais equilibrado e positivo. Pais autoritativos combinam afeto com regras claras e consistentes, promovendo um ambiente seguro que favorece a autonomia e a autoestima das crianças (Martinez *et al.*, 2007). Segundo esses autores, as crianças que crescem nesse ambiente tendem a desenvolver uma boa autorregulação emocional, habilidades de socialização e um forte senso de responsabilidade.

Em contraste, o estilo autoritário é caracterizado por um alto nível de exigência e baixo nível de responsividade. Pais autoritários impõem regras rigorosas sem

fornecer explicações adequadas, o que pode gerar dificuldades emocionais nas crianças, como ansiedade e baixa autoestima. Cecconello e Koller (2004) apontam que crianças criadas por pais autoritários frequentemente apresentam comportamentos agressivos e têm dificuldades em formar relações sociais saudáveis, uma vez que a falta de afeto e apoio emocional pode comprometer seu desenvolvimento emocional.

O estilo permissivo, por outro lado, é caracterizado por uma elevada responsividade, mas baixa exigência. Pais permissivos tendem a ser muito afetuosos e deixam as crianças com grande liberdade, sem impor limites claros. Embora as crianças criadas em lares permissivos geralmente se sintam amadas e apoiadas, podem desenvolver dificuldades de autorregulação e de lidar com frustrações. Martinez *et al.* (2007) sugerem que a falta de disciplina consistente pode resultar em comportamentos impulsivos e dificuldade de seguir normas e regras sociais.

Por fim, o estilo negligente é o mais prejudicial ao desenvolvimento infantil. Pais negligentes mostram um baixo nível tanto de exigência quanto de responsividade. Eles geralmente não impõem regras e estão emocionalmente ausentes, o que pode resultar em crianças com dificuldades significativas de comportamento, como agressividade, ansiedade e problemas de socialização. Bolsoni-Silva *et al.* (2009) destacam que a negligência parental está fortemente associada a problemas emocionais e comportamentais, uma vez que as crianças carecem de orientação, apoio emocional e limites claros para o seu desenvolvimento saudável.

Esses estilos parentais têm implicações profundas no desenvolvimento das crianças, com as práticas mais equilibradas e sensíveis, como o estilo autoritativo, promovendo um ambiente mais saudável e favorável ao desenvolvimento emocional e social. O reconhecimento e a compreensão dos diferentes estilos parentais são essenciais para a promoção de práticas educativas que favoreçam o bem-estar infantil.

3.1.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS

As práticas educativas parentais são fundamentais no desenvolvimento infantil, pois influenciam diretamente o comportamento, a saúde emocional e o desenvolvimento social das crianças. De acordo com Ceconello e Koller (2004), Martinez *et al.* (2007), e Bolsoni-Silva *et al.* (2009), as práticas educativas referem-se aos métodos e estratégias que os pais utilizam para socializar e educar seus filhos, e esses métodos podem ser tanto positivos quanto negativos, dependendo do estilo parental adotado.

Ceconello e Koller (2004) afirmam que as práticas educativas parentais incluem aspectos como a imposição de regras, a forma de disciplinar e as atitudes de afeto e apoio. Elas podem ser de natureza autoritária, autoritativa, permissiva ou negligente, e o impacto dessas práticas no comportamento infantil pode ser profundo. Por exemplo, as práticas autoritativas, que combinam afeto com regras consistentes e explicações claras, tendem a promover a autonomia e o desenvolvimento emocional saudável nas crianças. Por outro lado, práticas autoritárias, que priorizam a obediência sem diálogo, podem levar a um ambiente emocionalmente inseguro e, conseqüentemente, dificultar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais adequadas.

Martinez *et al.* (2007) destacam a importância da comunicação eficaz entre pais e filhos, um aspecto essencial nas práticas educativas. Eles apontam que os pais que utilizam métodos de ensino baseados no reforço positivo, no encorajamento e na modelagem de comportamentos esperados tendem a ver melhores resultados no desenvolvimento de competências sociais e emocionais em seus filhos. Além disso, o uso excessivo de punições físicas ou de comportamentos coercitivos está associado a uma série de problemas, incluindo transtornos de comportamento e dificuldades de regulação emocional nas crianças.

Bolsoni-Silva *et al.* (2009) aprofundam-se na ideia de que a qualidade das práticas educativas está diretamente relacionada ao vínculo afetivo estabelecido entre pais e filhos. Eles argumentam que um relacionamento saudável e afetivo é a base

para práticas educativas eficazes, uma vez que as crianças que se sentem seguras emocionalmente têm mais facilidade em internalizar comportamentos positivos e lidar com os limites estabelecidos pelos pais. A falta desse vínculo afetivo pode resultar em práticas educativas ineficazes, que não favorecem o desenvolvimento da criança de maneira equilibrada.

Esses autores convergem para a ideia de que práticas educativas positivas, que incluem a promoção de um ambiente seguro e o estabelecimento de regras claras, são essenciais para o desenvolvimento da criança, tanto no aspecto emocional quanto comportamental. Por outro lado, práticas autoritárias ou negligentes, que falham em equilibrar a exigência com a responsividade, podem levar a problemas como dificuldades de socialização, baixa autoestima e comportamento agressivo.

Portanto, indicam que a promoção de práticas educativas baseadas em respeito, comunicação aberta e consistência nos limites são fundamentais para um desenvolvimento infantil saudável, com reflexos positivos nas interações sociais e na adaptação emocional das crianças.

3.2 PARENTALIDADE E BEM-ESTAR EMOCIONAL INFANTIL

O vínculo afetivo entre pais e filhos, descrito na teoria do apego de Bowlby, é fundamental para o desenvolvimento emocional infantil. Crianças que estabelecem um apego seguro com os pais demonstram maior resiliência emocional e habilidades de autorregulação, enquanto a falta desse vínculo pode resultar em insegurança e dificuldades de socialização (Grandi & Bartholo, 2021).

Esse vínculo, quando seguro, proporciona à criança uma sensação de segurança e estabilidade, essencial para o desenvolvimento de uma personalidade equilibrada e resiliente. Grandi e Bartholo (2021) afirmam que as crianças que desenvolvem um apego seguro com seus pais tendem a demonstrar maior resiliência emocional e habilidades aprimoradas de autorregulação. O apego seguro permite que a criança explore o mundo com confiança, sabendo que pode contar com o apoio dos pais em momentos de necessidade.

Em contrapartida, a falta desse vínculo seguro pode resultar em insegurança emocional, dificuldades de socialização e aumento da vulnerabilidade a problemas psicológicos na vida adulta, como transtornos de ansiedade e depressão, dificultando a capacidade da criança de formar relações saudáveis com outras pessoas, impactando suas interações sociais e emocionais ao longo da vida. Esse fenômeno é amplamente discutido na literatura psicológica, e as implicações para o bem-estar infantil são significativas, afetando a capacidade de autorregulação emocional da criança, tornando-a mais propensa a comportamentos impulsivos e dificuldades na gestão do estresse.

Práticas parentais que respeitam a individualidade da criança e incentivam a exploração e o autoconhecimento contribuem para uma visão positiva de si mesma, facilitando a construção de relações sociais saudáveis e a adaptação ao ambiente escolar e familiar. Crianças com uma boa autoestima são mais propensas a enfrentar situações desafiadoras de forma assertiva e resiliente, o que impacta positivamente seu bem-estar emocional ao longo da vida.

3.3 IMPACTO DOS ESTILOS PARENTAIS NO COMPORTAMENTO INFANTIL

O comportamento prosocial, caracterizado por atitudes como ajudar, compartilhar e cooperar, é fortemente influenciado pelas práticas parentais. Pais que adotam o estilo autoritativo, caracterizado por uma combinação equilibrada de afeto, comunicação aberta e regras consistentes, tendem a incentivar o desenvolvimento de empatia e comportamentos cooperativos nas crianças (Sampaio & Nomura, 2012). O ambiente afetivo e o estímulo ao diálogo nas relações familiares são cruciais para o estabelecimento de normas de comportamento prosocial. Crianças que crescem em ambientes onde o apoio emocional é constante e onde os pais demonstram empatia tendem a replicar esses comportamentos em suas interações sociais, desenvolvendo habilidades de cooperação, respeito e solidariedade.

Pesquisas também indicam que a presença de um modelo parental empático é um fator significativo para a formação de uma criança que sabe respeitar o outro e

expressar emoções de maneira adequada. Essa relação de modelagem entre os pais e os filhos, somada à promoção de valores como o altruísmo e a gentileza, facilita a internalização de comportamentos prosociais ao longo do desenvolvimento (Sampaio & Nomura, 2012).

Por outro lado, estilos parentais mais rígidos, como o autoritário, ou a negligência parental, podem contribuir para o desenvolvimento de problemas de comportamento, como agressividade e comportamentos desafiadores. De acordo com Martinez *et al.* (2007), crianças que crescem em lares com práticas autoritárias, onde predominam regras inflexíveis e pouco afeto, tendem a replicar comportamentos agressivos, pois esses ambientes criam uma atmosfera emocionalmente hostil e de baixa comunicação afetiva. A falta de uma relação afetiva segura e de um espaço para diálogo pode gerar sentimentos de frustração e rebeldia nas crianças, o que muitas vezes se manifesta por meio de agressões físicas ou verbais.

Além disso, Marinho e Feres-Carneiro (2015) destacam que o estilo permissivo, onde os pais falham em estabelecer limites claros e consistentes, também pode resultar em comportamentos problemáticos. A ausência de regras ou a inconsistente aplicação das mesmas pode gerar impulsividade nas crianças e uma falta de compreensão sobre as consequências de suas ações. Isso pode resultar em comportamentos antissociais e dificuldades no relacionamento com os pares, já que as crianças não aprendem a respeitar limites e regras sociais.

A maneira como os pais aplicam a disciplina tem um impacto significativo no comportamento das crianças, especialmente no que diz respeito à aceitação ou rejeição das regras. Dell'Aglio e Hutz (2004) ressaltam que práticas de disciplina assertivas, que evitam punições físicas e priorizam o diálogo, contribuem para o desenvolvimento da responsabilidade e da capacidade de autocontrole nas crianças. O uso de punições severas e físicas pode gerar medo, resistência e uma internalização negativa das regras, enquanto a disciplina que envolve explicações claras e a demonstração de afeto contribui para a compreensão das consequências do comportamento.

3.4 INTERVENÇÕES EM PARENTALIDADE E SAÚDE MENTAL INFANTIL

Programas de intervenção que visam o fortalecimento das práticas parentais têm mostrado resultados significativos na promoção de um ambiente familiar mais saudável e no desenvolvimento de comportamentos positivos nas crianças. De acordo com Murta e Silva (2013), esses programas focam em estratégias como a comunicação eficaz, o estabelecimento de limites claros e a promoção de habilidades socioemocionais, proporcionando aos pais as ferramentas necessárias para lidar com os desafios diários da parentalidade. As intervenções visam, além de educar os pais, ajudá-los a melhorar o vínculo afetivo com os filhos, criando um ambiente de apoio emocional que favorece a segurança e o desenvolvimento da criança.

Estudos sugerem que a implementação desses programas podem reduzir conflitos familiares, melhorar a capacidade de resolução de problemas e aumentar a confiança dos pais em suas habilidades. Programas de treinamento, como o “Incredible Years” e outros voltados para o desenvolvimento de habilidades parentais, têm sido eficazes em aumentar a sensibilidade parental e reduzir comportamentos disfuncionais nas crianças. A adaptação dessas intervenções ao contexto familiar e cultural também é um aspecto crucial para sua eficácia (Murta & Silva, 2013).

Ademais, a escola e as instituições comunitárias desempenham um papel fundamental no apoio às famílias, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Paludo e Koller (2007) destacam que as parcerias entre escolas e profissionais de saúde mental podem ser essenciais para o fortalecimento das habilidades parentais. A colaboração entre esses setores pode oferecer um apoio contínuo aos pais, ajudando-os a lidar com os desafios emocionais e comportamentais dos filhos. Além disso, a escola pode servir como um espaço de orientação, onde os pais podem aprender estratégias para melhorar sua interação com as crianças e entender melhor os processos de desenvolvimento infantil.

Além disso, a inclusão de práticas de educação parental nas escolas e centros de saúde pode ajudar a prevenir transtornos emocionais e comportamentais nas crianças, criando um ciclo de bem-estar familiar e social. Incentivos governamentais, como programas de financiamento para iniciativas comunitárias de apoio à parentalidade, são também uma maneira eficaz de aumentar o alcance dessas

políticas, beneficiando as famílias que mais necessitam de suporte (Crepaldi *et al.*, 2006).

Essas abordagens destacam a importância de um apoio estruturado para as famílias, envolvendo diversos setores da sociedade e do governo, a fim de melhorar as condições de vida e o desenvolvimento emocional das crianças. A promoção da saúde mental infantil está intimamente ligada ao fortalecimento da parentalidade, e a integração de programas de intervenção, apoio escolar e políticas públicas é fundamental para alcançar resultados duradouros e eficazes.

Tabela 1 - Fluxograma - Resultado de pesquisas em bases de dados.

Bases de dados	Número de artigos localizados	Eliminados após leitura dos títulos	Número de artigos para leitura dos resumos	Eliminados por repetição	Eliminados por critérios de exclusão	Eliminados após leitura do resumo	Amostra final
BVS	25313	231	62	11	25020	49	2
Pepsic	27	5	15	2	7	11	2
Scielo	59	17	42	8	14	15	5
Total	25399	253	119	21	25041	75	9

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 2 - Os artigos selecionados conforme autores, títulos e base de dados.

Autores (Ano)	Títulos	Objetivos	Base de dados
Borsa & Nunes (2011)	Práticas parentais, desenvolvimento infantil e indicadores de resiliência.	Investigar a relação entre práticas parentais, desenvolvimento infantil e fatores de resiliência.	SCIELO
Marinho & Feres-Carneiro (2015)	Práticas educativas parentais e sintomas de ansiedade em crianças	Analisar a relação entre práticas educativas parentais e a manifestação de sintomas de ansiedade em crianças.	SCIELO
Fajardo <i>et al.</i> (2020)	Estilos parentais e desenvolvimento infantil: uma análise dos contextos de interação familiar.	Compreender como os estilos parentais influenciam o desenvolvimento infantil, considerando os contextos de interação familiar.	SCIELO

Grandhi & Bartholo (2020)	Vínculo parental e regulação emocional em crianças.	Explorar a relação entre o vínculo parental e a capacidade de regulação emocional em crianças.	SCIELO
Assis et al. (2021)	Habilidades sociais educativas parentais e comportamentos de pré-escolares. Psicologia: Teoria e Pesquisa	Avaliar as habilidades sociais educativas parentais e sua relação com os comportamentos de crianças em idade pré-escolar.	SCIELO
Curvello & Mendes (2021)	Estratégias de regulação emocional de pais: uma revisão da literatura	Revisar estratégias de regulação emocional utilizadas por pais e sua influência nas práticas parentais.	PEPSIC
Detoni et al. (2021)	Escola de Pais do Brasil: prevenção e promoção de práticas parentais positivas	Analisar os efeitos do programa “Escola de Pais do Brasil” na prevenção e promoção de práticas parentais positivas.	PEPSIC
Costa et al. (2022)	Estilos parentais e a relação com traços de personalidade de crianças em idade escolar.	Investigar a relação entre estilos parentais e traços de personalidade de crianças em idade escolar.	BVS
Martins et al. (2023)	Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: papel preditivo dos estilos e práticas parentais em desfechos socioemocionais de pré-escolares	Verificar o papel preditivo dos estilos e práticas parentais nos desfechos socioemocionais de pré-escolares.	BVS

A análise dos artigos selecionados confirma que a parentalidade desempenha um papel decisivo no desenvolvimento emocional e comportamental da criança. Os estudos apontam que as práticas e estilos parentais adotados pelos cuidadores podem funcionar tanto como fatores de proteção quanto de risco, influenciando diretamente a formação da personalidade, a saúde mental e as competências socioemocionais infantis.

Costa *et al.* (2022) identificam que os estilos parentais exercem influência significativa sobre traços de personalidade de crianças em idade escolar, evidenciando, por exemplo, que estilos autoritários estão associados a traços de neuroticismo, enquanto práticas democráticas tendem a favorecer características

como extroversão e responsabilidade, reforçando a importância de uma atuação parental que equilibre exigência e afeto, especialmente durante o processo de estruturação psíquica da criança.

De modo complementar, Martins *et al.* (2023) aprofundam essa discussão ao analisarem o impacto das práticas parentais sobre o desenvolvimento socioemocional. As autoras evidenciam que estilos parentais mais responsivos e comunicativos estão diretamente relacionados ao desenvolvimento de habilidades como empatia, autorregulação e consciência emocional em pré-escolares. Dessa forma, o estudo amplia a compreensão dos efeitos da parentalidade para além dos traços de personalidade, alcançando o campo das competências emocionais e relacionais.

No entanto, compreender os efeitos da parentalidade requer também atenção às dimensões emocionais dos próprios cuidadores. Curvello e Mendes (2020) argumentam que a capacidade dos pais em regular suas próprias emoções - sobretudo por meio da reavaliação cognitiva - é essencial para criar um ambiente familiar mais equilibrado. Eles apontam que pais emocionalmente regulados tendem a agir com mais empatia e estabilidade frente às demandas da criança, prevenindo comportamentos parentais reativos ou negligentes. Essa perspectiva contribui para o entendimento de que não apenas o “estilo” adotado, mas o estado emocional do cuidador, influencia diretamente as práticas parentais.

A relevância desse suporte emocional também é abordada por Fajardo *et al.* (2020), que indicam que práticas parentais baseadas em acolhimento, escuta ativa e incentivo à autonomia favorecem o desenvolvimento da autoestima e da competência social da criança. Os autores sustentam que crianças que vivenciam uma parentalidade sensível e respeitosa tendem a apresentar maior segurança emocional e desempenho positivo em contextos sociais, como a escola.

Grandi e Bartholo (2021), por sua vez, reforçam a centralidade do vínculo afetivo ao analisarem a associação entre apego seguro e a autorregulação emocional infantil. Para os autores, a qualidade do vínculo estabelecido com os cuidadores constitui um dos principais preditores para o desenvolvimento da capacidade de lidar com frustrações, impulsos e emoções complexas. Esse achado converge com as discussões anteriores, ao evidenciar que o cuidado parental não pode ser reduzido

apenas a técnicas educativas, mas está profundamente enraizado na qualidade das relações estabelecidas.

Em consonância com essa visão relacional, Detoni, Artech e Pizzinato (2021) discutem os efeitos positivos de programas educativos voltados à orientação parental. Segundo os autores, esses espaços coletivos de reflexão e aprendizagem favorecem a construção de práticas parentais mais conscientes e afetivas, promovendo tanto a saúde mental dos cuidadores quanto o bem-estar das crianças. Trata-se de uma proposta que reconhece a complexidade da parentalidade e aposta na prevenção como caminho para fortalecer vínculos e reduzir práticas disfuncionais.

Ainda dentro da perspectiva de apoio e desenvolvimento de competências parentais, Assis-Fernandes e Bolsoni-Silva (2020) destacam a importância das habilidades sociais parentais como fator protetivo. Os autores argumentam que pais que desenvolvem habilidades como escuta ativa, negociação e expressão emocional adequada têm mais sucesso na mediação de conflitos e no estabelecimento de limites saudáveis, contribuindo para um ambiente familiar mais estável e favorável ao desenvolvimento infantil.

Por fim, Borsa e Nunes (2011) reforçam a importância de se considerar os fatores contextuais na análise das práticas parentais. Em sua avaliação de programas de promoção de competências familiares, os autores salientam que intervenções eficazes precisam ser culturalmente sensíveis e adaptadas às realidades das famílias atendidas, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Esse posicionamento ecoa a necessidade de compreender a parentalidade como um fenômeno multifatorial, que exige não apenas capacitação individual, mas também suporte institucional e comunitário.

Assim, os estudos analisados convergem ao destacar que a parentalidade é resultado da interação entre aspectos individuais, emocionais e contextuais. Estilos e práticas parentais responsivas e afetivas demonstram impacto positivo no desenvolvimento emocional e social das crianças, mas sua efetividade está vinculada também à capacidade dos cuidadores de regular suas emoções, à qualidade do vínculo estabelecido e à existência de suporte e orientação adequados. Estratégias que promovam o fortalecimento de vínculos, a educação emocional dos pais e o

acesso a redes de apoio constituem caminhos promissores para a promoção da saúde mental infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão bibliográfica evidenciou que a parentalidade é um fator determinante no desenvolvimento emocional, social e comportamental da criança. Os estilos e práticas parentais exercem influência direta sobre aspectos como autoestima, regulação emocional, formação da personalidade e comportamento social infantil.

Os estudos analisados apontam que práticas parentais positivas, pautadas na responsividade, escuta ativa, vínculo afetivo e incentivo à autonomia, contribuem significativamente para o fortalecimento da saúde mental das crianças, como destacam Martins *et al.* (2023), Fajardo *et al.* (2020) e Grandi e Bartholo (2021). Em contrapartida, práticas autoritárias, negligentes ou emocionalmente desreguladas tendem a gerar insegurança, baixa autoestima e comportamentos desafiadores, conforme evidenciado por Costa *et al.* (2022) e Marinho e Feres-Carneiro (2015).

Além disso, foi possível observar que o equilíbrio emocional dos cuidadores, discutido por Curvello e Mendes (2020), é essencial para o exercício de uma parentalidade saudável, uma vez que pais emocionalmente regulados estabelecem vínculos mais seguros e conseguem agir com maior empatia e estabilidade diante das demandas da infância.

A análise também evidenciou a importância de estratégias coletivas de promoção da parentalidade positiva, como as propostas por Detoni, Artech e Pizzinato (2021), que defendem espaços educativos e reflexivos para apoiar os cuidadores. Assis-Fernandes e Bolsoni-Silva (2020) e Borsa e Nunes (2011) reforçam que o desenvolvimento de habilidades sociais parentais e o suporte institucional são fundamentais para que práticas educativas eficazes se consolidem no cotidiano das famílias.

Portanto, investir na promoção de práticas parentais saudáveis, no fortalecimento dos vínculos familiares e no suporte emocional aos cuidadores é uma

via promissora para a promoção do bem-estar infantil. Intervenções educativas, políticas públicas e ações intersetoriais que valorizem o papel das famílias podem contribuir significativamente para a formação de crianças emocionalmente saudáveis, resilientes e socialmente competentes.

Por fim, para além de seu valor científico, destaca-se que esta pesquisa contribuiu de forma significativa para a formação acadêmica e profissional, ao possibilitar uma compreensão mais aprofundada sobre os efeitos da parentalidade no desenvolvimento infantil. A análise dos estudos revisados possibilitou o aprofundamento de conhecimentos essenciais à atuação enquanto psicóloga, consolidando o compromisso com práticas que promovam a saúde mental, a escuta sensível e o fortalecimento dos vínculos familiares, aspectos fundamentais para uma conduta ética e qualificada na psicologia. Além disso, a reflexão teórica proporcionada ao longo do estudo ampliou a sensibilidade para as relações humanas, contribuindo também para o desenvolvimento pessoal, onde a parentalidade, enquanto prática e afeto, passa a ser vivida e compreendida com mais consciência e responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, S. G. F.; FERREIRA, A. L. F.; BOLSONI-SILVA, R. A. A. Habilidades sociais educativas parentais e comportamentos de pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 37, e372114, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/NzC5wv7gPqJFT7FYtWYNfDh/?lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2024.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Práticas parentais, desenvolvimento infantil e indicadores de resiliência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 1, p. 17-24, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9Wp3dx3YQyPj9L3ZyyzByLL/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/LMvwZnmwscV9MLkhjXfLJ7P/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CREPALDI, M. A. et al. Práticas educativas parentais: concepções e estratégias utilizadas por pais de adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 83-89, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/g6d6Y5BtctPq7Wn7M6s3HzS/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

COSTA, Fabiane Priscila Muller da; CUNHA, Samantha Cristina Ritzel; COLLING, Ana Paula Cervi; CARDOSO, Caroline de Oliveira.

Estilos parentais e a relação com traços de personalidade de crianças em idade escolar. *Pensando Famílias*, v. 26, n. 1, p. 50-65, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1428060>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CURVELLO, Roberta Pereira; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes. Estratégias de regulação emocional de pais: uma revisão da literatura. *Psicologia Clínica*, v. 32, n. 2, p. 231-250, maio/ago. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000200003. Acesso em: 8 mar. 2025.

DELL'AGLIO, D. D.; HUTZ, C. S. Estresse em famílias em situação de risco psicossocial. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 259-267, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/gxL9Wq7FkJTrh4YPqMnhpjK/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DETONI, Bruna; ARTECHE, Adriane Xavier; PIZZINATO, Adolfo.

Escola de Pais do Brasil: prevenção e promoção de práticas parentais positivas. *Revista da SPAGESP*, v. 22, n. 2, p. 16-28, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702021000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 8 mar. 2025.

FAJARDO, C. R. et al. Estilos parentais e desenvolvimento infantil: uma análise dos contextos de interação familiar. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 37, e190046, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/pbLP6WZ3DyGz8NR5xr8HWhX/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2024.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDI, M. A.; BARTHOLO, T. L. Vínculo parental e regulação emocional em crianças. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 205-214, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcdh/a/MLRgLCBpyRf7DhbLGGfhFjv/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2024.

MARINHO, S. S.; FERES-CARNEIRO, T. Práticas educativas parentais e sintomas de ansiedade em crianças. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 20-31, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/pMhCxQkkgx9mkNnBPkMsR4r/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MARTINEZ, A. M. et al. Estilos parentais e suas consequências para a saúde mental infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 78-86, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/R6pKtSFGCpzRLC9whwdQL4N/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MARTINS, Emilly Schuch; FORMIGA, Laura Sanguiné; GERHARDT, Bruna Cardoso; ARTECHE, Adriane Xavier.

Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: o papel preditivo dos estilos e práticas parentais em desfechos socioemocionais de pré-escolares. *Pensando Famílias*, v. 27, n. 1, p. 34-50, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1586293>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MURTA, S. G.; SILVA, M. P. Intervenções baseadas na família para a prevenção de problemas comportamentais na infância. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 1-10, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtc/a/pXJrFk7vGGzM5ykTkPJzV3k/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2024.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Práticas parentais e desenvolvimento infantil em contexto de vulnerabilidade social. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 505-514, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/gfLkz9HKcT5D6fYzX9byxpt/?lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2024.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. Contexto familiar e desenvolvimento de crianças em situação de risco. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 323-331, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WqXPC9YPMfB9vhcRy6DC8hM/?lang=pt>. Acesso em: 05 dez. 2024.